

A atuação do pedagogo no ambiente hospitalar: algumas reflexões¹

Priscila de Fátima Pereira Franco²
Bento Selau³

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de pesquisa que teve como objetivo, a partir da prática pedagógica realizada com crianças hospitalizadas na Santa Casa de Caridade de Jaguarão, identificar os principais aspectos relativos à atuação do pedagogo no ambiente hospitalar e os resultados dessa ação com crianças. A partir da investigação, observou-se que a atuação do pedagogo contribuiu para que as crianças hospitalizadas mantivessem a ligação com o espaço da escola, minimizando as angústias muitas vezes ligadas diretamente à internação. Essa prática também oportunizou com que as crianças hospitalizadas pudessem se envolver com o conteúdo científico trabalhado na escola, auxiliando em sua aprendizagem. Observou-se, a partir das atitudes e principalmente das falas das crianças, o quanto a participação do pedagogo no hospital foi importante para um bom retorno dessas crianças para o ambiente escolar.

Palavras-chave: Pedagogo. Classe hospitalar. Crianças hospitalizadas.

Abstract

This article presents the results of a research that had as its objective, from the pedagogical practice carried out with hospitalized children at Santa Casa de Caridade de Jaguarão, identify the main aspects related to the performance of the pedagogue in the hospital environment and the results of this action with children. From the investigation, it was observed that the performance of the pedagogue contributed to hospitalized children keeping the connection with the school space, minimizing the distresses often directly linked to being in hospital stay. This practice also provided the opportunity for hospitalized children to get involved in the scientific subject worked at school, helping in their learning. It was observed, from the attitudes and mainly the children's speeches, how the participation of the pedagogue in the hospital was important for a good return of these children to the school environment.

Keywords: Pedagogue. Hospital class. Hospitalized children.

1 Introdução

Apresentam-se os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo, a partir da prática pedagógica realizada com crianças hospitalizadas na Santa Casa de Caridade de Jaguarão, identificar os principais aspectos

relativos à atuação do pedagogo no ambiente hospitalar e os resultados dessa ação com crianças. O trabalho pedagógico nos hospitais se caracteriza como uma tarefa de importância capital. Alguns autores corroboram com essa versão, tais como Ceccim e Carvalho (1997), salientando que, mesmo doente, a criança

1 O trabalho é resultado da pesquisa desenvolvida como requisito para a conclusão do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Jaguarão, RS, Brasil.

2 Graduada em Pedagogia pela UNIPAMPA. E-mail: priscilafpf@yahoo.com.br

3 Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), RS, Brasil, Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil. Professor na UNIPAMPA. E-mail: bentoselau@unipampa.edu.com
Artigo recebido em 29/03/2011 e aceito em 26/09/2011.

pode aprender, brincar, criar e continuar interagindo socialmente.

A tarefa pedagógica no hospital pode, inclusive, ajudar na recuperação da criança-paciente. Com o acompanhamento profissional do pedagogo, a criança poderá ter uma atitude mais ativa diante da situação de enfermidade e hospitalização em que se encontra. Gonçalves e Valle (1999) comentam sobre a importância de a criança doente estar envolvida com atividades semelhantes as das demais crianças de sua idade, frequentando as atividades pedagógico-educacionais no hospital, destacando que há a possibilidade de se atenuar os prejuízos causados por uma internação hospitalar. Ceccim e Fonseca (1998, p. 35) ressaltam que

[...] independente do tempo de permanência da criança no hospital, o atendimento [...] ajuda a criança a se desvincular das restrições deste ambiente e pode ter um significado importante para o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Na sequência do escrito, apresentar-se-ão alguns aspectos teóricos de apoio ao estudo, o relato sobre o trabalho pedagógico realizado e, ainda, os resultados sobre a avaliação desta prática com crianças hospitalizadas na Santa Casa de Caridade de Jaguarão.

2 O pedagogo atuando em classes hospitalares

O trabalho pedagógico em hospitais apresenta diversas possibilidades de atuação e está no foco de diferentes olhares que o tentam compreender, explicar e auxiliar, objetivando a construção de um modelo que possa facilitar essa função. A prática do pedagogo no hospital é feita dentro da proposta de classe hospitalar. A classe hospitalar é definida como

[...] o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental. (BRASIL, 2002, p. 13).

A classe hospitalar deve ocorrer como uma proposta pedagógica para crianças e adolescentes, em processo de escolarização, no hospital. Implica, necessariamente, no acompanhamento educacional por pedagogos. De acordo com Ceccim e Carvalho (1997), para atuar em classes hospitalares, o profissional deve estar habilitado para trabalhar com a diversidade humana e com diferentes hábitos culturais, de modo que possa identificar as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos, em um determinado momento da vida, de frequentar a escola.

A hospitalização na infância pode alterar o desenvolvimento infantil, uma vez que restringe as relações de convivência da criança por afastá-la de sua família, de sua casa, de seus amigos e da escola. Num ambiente em que a dor e a doença são presenças constantes, a criança passa a ter o contato com uma realidade com a qual não estava acostumada. Como consequência, Chiattonne (1998) e Fonseca (1999b) citam vários efeitos psicológicos decorrentes da hospitalização, como respostas de culpa, sensação de punição, ansiedade e depressão. Esses efeitos podem ser causadores de intenso descontrole emocional da criança doente e a atinge nas diferentes etapas do desenvolvimento. Ressaltam, ainda, que a experiência de adoecimento e hospitalização implicam mudar rotinas, separar-se dos colegas, amigos, familiares, escola, brinquedos, dos objetos pessoais, sujeitar-se a procedimentos invasivos e, muitas vezes dolorosos, além de sofrer com o medo, solidão e, em alguns casos, sensação de abandono. Evidentemente, cada criança pode apresentar uma reação diferente, dependendo de uma série de fatores, tais como: da doença que se manifestou, dos cuidados que se tem, enfim, das próprias reações que são inerentes à constituição subjetiva de cada indivíduo. De acordo com Ceccim (1999), com tantas preocupações relacionadas aos problemas relativos à saúde física da criança, os pais geralmente não dão a devida importância à continuidade dos estudos durante o tratamento. É importante a criança doente perceber-se produtiva e com atividades semelhantes às demais. Como a escola é um espaço no qual a crian-

ça, além de aprender habilidades científicas, desenvolve e estabelece elos sociais diversos e distintas aprendizagens (DELORS, 2003), ficar à margem desse espaço de vivências pode ser penoso para a criança hospitalizada.

A educação para crianças e adolescentes hospitalizados não é um fato recente no Brasil. Estima-se que as classes hospitalares existam em nosso país desde a década de 1950 (FONTES, 2005). No artigo 13 da Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, há a indicação de uma ação integrada entre os sistemas de ensino e de saúde, por meio de classes hospitalares, na tentativa de dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças hospitalizadas. Significa dizer que, tanto a educação não é elemento exclusivo do ambiente escolar, quanto o cuidado com a saúde não é exclusividade do hospital (FONTES, 2005). O hospital é, sobretudo, segundo definição do Ministério da Saúde (BRASIL, 1994), um centro de educação.

Em dezembro de 2002, o Ministério da Educação publicou o documento intitulado "Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar" (BRASIL, 2002), na tentativa de estruturar ações de organização do sistema de atendimento educacional fora do âmbito escolar, promovendo a oferta do acompanhamento pedagógico também em espaços hospitalares. Nesse documento, a Secretaria de Educação Especial propõe oferecer estratégias e orientações para o atendimento pedagógico voltado para o desenvolvimento e a construção do conhecimento correspondente à educação básica, assim como sublinha que:

O professor deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo. (BRASIL, 2002, p. 22).

A criação das classes hospitalares é resultado do reconhecimento de que crianças

hospitalizadas também apresentam necessidades educativas. Fonseca afirma que,

[...] apesar de limitações que podem decorrer de sua situação médica, a menina e o menino internados tem interesses, desejos e necessidades semelhantes aos de qualquer jovem saudável. E está provado que o contato com os semelhantes contribui para o desenvolvimento social dos pequenos enfermos [...]. Há casos em que a doença chega até a ser esquecida, o que acelera a recuperação e a reintegração à vida normal. (FONSECA, 1999a, p. 5).

É preciso ter clareza de que a finalidade da ação educativa no âmbito hospitalar é própria de saberes de uma profissão específica, não se opondo nem se confundindo com a ação e a finalidade em relação ao profissional da saúde; o professor que participa da prática educativa no ambiente hospitalar desempenha um importante papel, pois, mediante ações pedagógicas, é um agente que oportuniza experiências de aprendizagem às crianças ou adolescentes internados.

3 Método

A investigação caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa e descritiva. O trabalho pedagógico foi realizado na Santa Casa de Caridade da cidade de Jaguarão (Estado do Rio Grande do Sul), especificamente no setor de pediatria e maternidade. A Santa Casa de Caridade do município atende um número reduzido de crianças. Observa-se, por exemplo, que, apesar do longo período de tempo que se passou em campo, o número de crianças atendidas foi baixo, uma vez que o hospital tem uma demanda pequena de crianças-pacientes. Há diversos fatores que explicam essa situação, tais como: a baixa capacidade de leitos, a precarização de instrumentos cirúrgicos e, inclusive, um pensamento generalizado entre os habitantes de Jaguarão que indica que o bom atendimento se dá no município de Pelotas (distante cerca de 140 km).

O período de realização da intervenção pedagógica no hospital foi de 08 de setembro de 2010 a 1º de outubro de 2010, totalizando 24 dias de atuação. Cada dia, contou com

um período de tempo de trabalho de quatro horas, somando, ao final, 96 horas de atuação pedagógica com os alunos-pacientes. Esse envolvimento com as crianças favoreceu a realização de diferentes intervenções pedagógicas, sobre diversos assuntos e disciplinas, o que possibilitou, sobretudo, a realização de reflexões mais aprofundadas.

O trabalho pedagógico aconteceu durante todos os dias em que as crianças estiveram hospitalizadas. Elas foram acompanhadas durante todo o período de internação, lembrando que foram respeitados os limites e as necessidades especiais das crianças internadas, havendo períodos em que as atividades não puderam ser aplicadas devido às situações impeditivas da enfermidade apresentada. Aproveitaram-se os momentos sem crianças hospitalizadas para um melhor conhecimento dos espaços disponíveis para a prática pedagógica no hospital, inclusive, para uma possível utilização desses espaços com as crianças que seriam internadas no futuro.

Todos os responsáveis foram previamente avisados sobre o atendimento e autorizaram o trabalho desenvolvido no hospital, preenchendo e assinando termo de consentimento. O início e o desenvolvimento do trabalho foram aprovados pelo Comitê de Ética da Unipampa, bem como pelo próprio hospital, no qual se desenvolveram as práticas.

Durante o tempo de atuação no hospital, foram atendidas ao todo quatro crianças, que receberam as seguintes identificações:

- Aluno-Paciente A – nove anos, matriculado no 4º ano do Ensino Fundamental, período de internação foi de 12 de setembro de 2010 a 18 de setembro de 2010;
- Aluna-Paciente B - sete anos, matriculada no 2º ano do Ensino Fundamental, período de internação foi de 15 de setembro de 2010 a 18 de setembro de 2010;
- Aluno-Paciente C – sete anos, matriculado no 1º ano do Ensino Fundamental, período de internação foi de 22 de setembro de 2010 a 25 de setembro de 2010;
- Aluna-Paciente D - oito anos, matriculada no 2º ano do Ensino Fundamental, período de internação foi de 20 de setembro de 2010 a 26

de setembro de 2010.

Utilizaram-se observações do tipo participante observador, como instrumentos para a coleta de informações. O modelo participante observador é aquele pelo qual o pesquisador participa dos acontecimentos e realiza a descrição e registros, posteriormente ao transcorrido (NEGRINE, 1999). Foram respeitadas as condições físicas e emocionais de cada criança e, considerando esses fatores, o trabalho pedagógico não ultrapassou o tempo máximo de uma hora e trinta minutos por aluno. Teve-se presente o fato de que todas as crianças que participaram do estudo não passavam uma noite tranquila, existiam horários para os remédios, as quatro crianças se encontravam com cateteres nas mãos, o que dificultava a escrita e causava dores. Essas observações são feitas para indicar que as crianças somente participaram das atividades, quando sentiam vontade e quando apresentavam disposição para tal (FONTES, 2005).

Importante salientar que, nos dias em que se realizaram as práticas pedagógicas, não houve nenhum caso em que fossem necessários cuidados especiais do pedagogo para se evitar a exposição a doenças infectocontagiosas. Quando há casos em que se ofereça risco à saúde do profissional, a instituição hospitalar deve se encarregar de fornecer as devidas informações e proteção ao profissional, para que a prática pedagógica efetivamente aconteça de maneira segura para todos os envolvidos. As informações que coletamos, até o momento, foram trabalhadas com base na técnica de análise de conteúdo de Bardin (1995) complementada pelas ideias de Engers (1987).

4 A atuação do pedagogo no hospital e o resultado da ação pedagógica com as crianças

Considerando que a criança hospitalizada encontra-se afastada da instituição escolar em decorrência da internação, acredita-se que seja importante que o trabalho pedagógico assuma, inicialmente, a tarefa de mediar a relação da criança com a escola durante a hospitalização. Por esse motivo, primeiramente

te foram coletados os dados necessários para o contato com as instituições escolares nas quais as crianças se encontravam matriculadas. Com os dados em mãos, foi feito contato com as escolas, nas quais as crianças se encontravam matriculadas. Os profissionais dessas instituições mostraram-se atenciosos, imediatamente colocando-se à disposição para fornecer as informações pedagógicas a respeito das atividades que as crianças deveriam realizar, se não estivessem hospitalizadas. O contato com as escolas foi feito pessoalmente pelo pesquisador que atuava no hospital. Das quatro escolas visitadas, apenas uma não forneceu as atividades. Nesse caso, criaram-se atividades coerentes com aquelas desenvolvidas pela criança na sua classe.

Concomitantemente a essa tarefa, é necessário que o profissional estabeleça um vínculo afetivo com a criança hospitalizada. Como estratégia para a conquista da confiança e segurança das crianças, foram utilizados desenhos e jogos pedagógicos apresentados de forma lúdica, considerando que, pela brincadeira, as crianças conseguem se expressar, além de aprenderem a lidar com frustrações e elevar o nível de motivação. Foram usados jogos da memória com ilustrações alfabéticas, jogo dos sete erros, jogos com figuras de animais, desenhos para pintura, blocos lógicos, livros de contos e revista em quadrinhos. As atividades para estabelecimento do vínculo com o pedagogo aconteceram nos primeiros dias de internação de cada criança.

Algumas atividades foram realizadas na sala de recreação do hospital, que possui apenas uma mesa pequena com cadeiras, o que não oportuniza as ideais condições para a realização das atividades, justamente pelo limitado número de recursos. Como um dos objetivos da atuação do pedagogo no hospital deve ser também o de oportunizar momentos de socialização entre as crianças e partilha de conhecimentos, esse ambiente foi usado para que algumas crianças, internadas em dias semelhantes, pudessem conviver.

Nos dias em que as crianças não demonstravam disposição, se houvesse restrições médicas quanto à prática pedagógica, o pes-

quisador visitava-as no hospital, para mostrar a existência de um compromisso e de uma intenção pedagógica, além da demonstração de carinho e de respeito. Em um dos dias em que os alunos-pacientes não estiveram em condições de participar, houve consentimento da criança e da equipe médica para uma rápida conversa. Essa consistiu em uma leitura de história, momento que foi visto pela criança como agradável e prazeroso.

Após a alta médica, as atividades realizadas pelos alunos-pacientes foram encaminhadas para as respectivas escolas, contendo uma avaliação do pedagogo que atuou no hospital sobre os principais ganhos dos atendidos, a partir das atividades desenvolvidas, bem como com os desafios ainda apresentados. Essa situação é crucial para concluir a ação do pedagogo com a criança no hospital, momento em que também podem ocorrer encontros pessoais entre o professor que atuou no hospital, e aquele profissional que trabalha na escola da criança e que esteve no hospital.

Por meio da ação pedagógica desenvolvida na Santa Casa de Jaguarão, acompanhou-se as crianças enfermas no seu cotidiano, contribuindo para que as crianças hospitalizadas mantivessem a ligação com o espaço da escola, minimizando as angústias, muitas vezes ligadas diretamente à internação. É pertinente afirmar que a ação pedagógica no hospital exigiu uma intervenção em que houve também a escuta ao aluno-paciente.

Percebeu-se que o trabalho pedagógico realizado restabeleceu o vínculo das crianças com o cotidiano escolar, uma vez que essas continuaram com as atividades com as quais estavam habituadas. Também contribuiu pedagogicamente para o desenvolvimento psíquico e cognitivo das crianças participantes, já que se mostraram mais tranquilas e confiantes em relação à doença.

É importante destacar que o atendimento pedagógico nos hospitais não se constitui em uma tarefa que possa ser exercida por qualquer pessoa, como se fosse uma prática voluntária. O trabalho em classes hospitalares exige um profissional com formação adequada, tal como o pedagogo, profissional com curso

superior, um professor. O pedagogo é um profissional que tem formação de educador e que, por meio de atividades pedagógicas, pode intervir no processo de ensino e aprendizagem da criança hospitalizada, auxiliá-la quanto à compreensão e ao conhecimento de sua doença, dos procedimentos médicos e de sua adaptação hospitalar. Observaram-se, nesse caso, as manifestações das crianças que se deram no ambiente hospitalar, tais como visto na fala do aluno-paciente A:

Eu gostei porque fiquei fazendo os temas. Daí eu não esqueci o que eu fazia na escola. Aqui no hospital é muito chato, não tem nada pra tu fazer, e estudando as horas passam bem depressa. Eu quero estudar assim toda vez que eu ficar aqui baixado.

Configura-se, também, a importância do pedagogo no hospital, quando se observa a fala do aluno-paciente A: “Você é muito legal professora. Eu gostei de estudar com você”.

Em alguns momentos optou-se por não realizar as atividades pedagógicas, devido ao fato de se ter percebido a fragilidade e momentos de dor enfrentados pelas crianças. Cita-se, como exemplo, a aluna-paciente D que, mesmo com as duas mãos machucadas devido às inúmeras tentativas das enfermeiras em capturar uma veia para colocar o cateter, com febre, sonolência, fez questão de tentar se levantar para que pudesse realizar a atividade. Ao perceber a situação, a prática não foi realizada, mas a fala dessa criança deixa claro o quanto a presença de um professor no ambiente hospitalar faz diferença: “Professora, então leia para mim o que eu deveria fazer, assim eu não esqueço”. Enfatiza-se que a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar requer maior compreensão das peculiaridades deste ambiente, o que o diferencia de outras instituições educacionais: é necessário, acima de tudo, um planejamento flexível para essa tarefa.

Foi observado que, mesmo diante da dor, dos momentos de solidão, do afastamento de casa, as crianças mostraram-se interessadas pelas atividades escolares, mediadas pelo pedagogo. Nessas horas, com a interação do pedagogo, passaram a sorrir, inclusive esboçaram curiosidade em relação às atividades que

seriam desenvolvidas nos dias subsequentes. A aluna-paciente B, ao realizar uma das atividades de cálculo matemático, disse algo que chamou a atenção: “Professora, na escola eu não consigo fazer isso, mas aqui tá fácil. Eu não precisei dos palitinhos pra contar”. Em outra ocasião, a aluna-paciente D, disse que nunca imaginou estudar no hospital. Quando lhe perguntei: “O que você acha de estudar no hospital?”. Ela respondeu: “Eu acho muito bom. Tu não perde aula e pode continuar aprendendo como na escola. É igual escola, só que tu tem uma professora só pra ti. É legal porque é uma escola diferente, tem médico e professor junto”.

O atendimento pedagógico realizado trouxe às crianças a certeza de que o hospital é também um lugar, onde pode se aprender os conteúdos científicos do processo de escolarização, que a ação educativa pode ultrapassar os muros da escola. Isso pode ser visto na fala do aluno-paciente C: “Muito legal estudar aqui no médico. Eu pensei que a gente só podia estudar na escola, mas aqui é do mesmo jeito, só que tu tem que escrever devagar por causa do soro”.

Deve-se levar em consideração que o pedagogo no hospital precisa exercer o papel de professor e não apenas de recreacionista. Para se exemplificar, cita-se que, quando se entrou na Santa Casa, os administradores da Instituição manifestaram o pensamento de que se faria recreação. Cabe ao pedagogo uma ação educativa que favoreça o processo de aprendizagem da criança, como se tem insistido, dentro das possibilidades apresentadas pelas crianças internadas.

O professor que atua no hospital encontrará crianças com diferentes histórias de escolarização (CHIATTONE, 1998): crianças que passam a semana no hospital e voltam para casa no final de semana, crianças que passam meses ou anos no hospital, crianças com o histórico de repetência ou ainda, aquelas que nunca frequentaram a escola. A ação pedagógica no ambiente hospitalar implica conhecer diversidade educacional. Diante disso, a educação que se processa no hospital não pode ser identificada como simples transmissão de

alguns conhecimentos formalizados. É muito mais do que isso: deve ser dado um suporte pedagógico que mantém o estudante/paciente integrado em suas atividades escolares; o processo de ensino e aprendizagem nunca é linear e, por isso, devem ser respeitados os diferentes ritmos e interesses apresentados pelas crianças enfermas.

Sobre as instituições de ensino frequentadas pelas crianças atendidas na Santa Casa pode-se afirmar que se mostraram interessadas em saber o que é a pedagogia hospitalar, o que indica que há certo desconhecimento sobre o assunto. Nesse instante, percebeu-se a necessidade de oferecer aos docentes informações sobre a importância do atendimento pedagógico nos hospitais. Algumas professoras solicitaram que fossem priorizados conteúdos de Matemática e de Língua Portuguesa, pois indicaram que certas crianças apresentavam dificuldades em Matemática, escrita e leitura. Tais encaminhamentos demonstram a prioridade que a escola ainda atribui a esses conteúdos, em detrimento dos demais (Educação Física, Educação Artística, entre outras).

Observou-se, a partir das atitudes e principalmente das falas das crianças, o quanto a participação do pedagogo no hospital foi importante e, especialmente, o quanto o vínculo que a criança mantém com a escola, por meio do atendimento pedagógico, pode ser determinante para um bom retorno dessas crianças para o ambiente escolar.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

_____. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

CECCIM, R. B. Classe hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. **Pátio Revista Pedagógica**, v.3, n. 10, p.41-44, 1999.

_____. FONSECA, E. S. **Classes hospitalares no Brasil**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal da Saúde: Secretaria Municipal da Educação, 1998. Reunião de trabalho realizada na classe hospitalar do Hospital Municipal Jesus, em 04 de agosto de 1998.

_____. CARVALHO, P. R. A. (Org.) **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

CHIATTONE, H. B. C. A criança e a morte. In: ANGERAMI-CAMON, V. A. (Org.). **E a psicologia entrou no hospital**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2003.

ENGERS, Maria Emília Amaral. **O professor alfabetizador eficaz: análise de fatores influentes da eficácia do ensino**. 1987. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987.

FONSECA, E. S. Muito mais forte do que a doença: professora ajuda crianças e jovens internados em hospitais a continuar os seus estudos. **Nova Escola**, Seção Depoimento, ano XIV, n. 120, p. 5, mar. 1999a.

_____. Classe hospitalar: resposta sistemática na atenção às necessidades pedagógico-educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados. **Temas sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 8, n. 44, p. 32-37, 1999b.

FONTES, R. S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, mai/ago, n. 29, p. 119-138, 2005.

GONÇALVES, C. F.; VALLE, E. R. M. O significado do abandono escolar para a criança com câncer. In: VALLE, E. R. M.; CASTILHO, L. P. (Orgs.). **Psico-oncologia: vivências de crianças com câncer**. Ribeirão Preto: Scala, 1999.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto. (Org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1999.